

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA INTERNET: ANÁLISE DO BLOG CAPRICHOPAPO DE AMIGA

THE CONSTRUCTION OF IDENTITY THROUGH TEXTUAL PRODUCTION ON THE INTERNET: AN ANALYSIS OF THE BLOG CAPRICHOPAPO DE AMIGA

Gislaine Gracia Magnabosco¹

RESUMO: Tendo como base os pressupostos teóricos de Michel Foucault, mais particularmente as questões sobre a ordem do discurso, relações entre saber-poder e a constituição das subjetividades; o presente artigo buscará realizar um gesto de descrição-interpretação das práticas discursivas do *blog* Capricho Papo de Amiga, buscando compreender como se dá a construção da produção da identidade da adolescente no referido gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Blog; Identidade; Michel Foucault.

ABSTRACT: Based on the theoretical presuppositions of Michel Foucault, more particularly the issues on the order of discourse, relations between knowledge and power, and the construction of subjectivity; this article search carried out an act of description-interpretation of the discursive practices of the blog Capricho Papo de Amiga, trying to understand how is the construction of the production of adolescent identity in that gender.

KEY-WORDS: Blog, Identity, Michel Foucault.

1. INTRODUÇÃO

Como comenta Milanez (2004), a estética da existência teorizada por Foucault permite observar como o sujeito se caracteriza como “forma a ser elaborada, trabalhada e constituída segundo critérios de estilo, por meio de tecnologias do saber, de poder e de si” (idem, p.183).

Nesta perspectiva, o sujeito é resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente: eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si.

A obra de Michel Foucault pode ser classificada em três momentos que, embora pareçam distintos, se imbricam: ser-saber, ser-poder e ser-si, nos quais analisa, respectivamente, a constituição dos saberes na sociedade, as formas por meio das quais o poder é exercido sobre os sujeitos e a experiência do indivíduo com a sua sexualidade. (NAVARRO, 2008, p.01)

Será, então, esses dispositivos que instituirão o sujeito, sendo que essa construção se dará no e pelo discurso. Nesse sentido, destaca-se a grande contribuição da mídia, mais particularmente - no caso deste estudo - do gênero *blog*, como um poderoso dispositivo dessa

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos, linha Texto e Discurso, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gigracia@hotmail.com

produção; uma vez que, ao publicar textos ora dando opinião, ora dando conselhos de um comportamento adequado à resolução do problema ali postado por suas leitoras, o *blog* acaba por conduzir condutas, constituindo, então, identidades e produzindo efeitos de subjetividade. Desta forma, os textos publicados no *blog* acabam sendo, “eles próprios, objetos de uma prática, na medida em que foram feitos para serem lidos, meditados, tocados com os olhos (...) para, no final, constituírem a *armadura da conduta cotidiana*” (MILANEZ, 2004, p.187).

Assim, baseando-nos nos pressupostos teóricos de Michel Foucault, mais particularmente nas questões sobre a ordem do discurso, relações entre saber-poder e a constituição das subjetividades; o presente artigo buscará realizar um gesto de descrição-interpretação das práticas discursivas do *blog* Capricho Papo de Amiga, buscando compreender a produção da identidade da adolescente no referido gênero.

2. A ORDEM DO DISCURSO E AS RELAÇÕES ENTRE SABER-PODER

Michel Foucault, em *A ordem do discurso* (1971/2009), já pronunciava que “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (p.08-09).

Entre alguns desses procedimentos o autor cita a interdição que atinge o discurso. Essa interdição, sendo mais um procedimento de controle, revela que qualquer um não pode falar de qualquer coisa. Desta forma o discurso seria objeto de desejo já que ele “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (ibidem, p.10).

Desta forma, todo o discurso estaria ligado ao desejo e ao poder, sendo que este poder não se localizaria em uma instituição ou Estado. O poder seria uma relação de forças, estando, pois, em todas as partes (micro-poderes). Além disso, ele não seria apenas repressivo, mas também produziria efeitos de verdade, de vontade, de saber; constituindo verdades, práticas e subjetividades.

Assim, o discurso estaria permeado pela vontade de verdade, sendo que o discurso verdadeiro seria aquele pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido, apoiando-se sobre um suporte institucional e sendo reconduzido pelo modo como o saber é

aplicado numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído, exercendo sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.

Como comenta Araujo (2007), Foucault não toma a verdade no sentido cognitivo, isto é, “como a verdade cada vez mais próxima do real, cada vez mais aperfeiçoada pelo progresso técnico e científico” (ibidem, p.91). Não interessa, então, analisar uma ciência em termos de conhecimento para encontrar critérios de cientificidade. Para ele, para dar conta da cientificidade de uma ciência é preciso reportá-la ao campo de saber de uma época, é preciso verificar as condições de tal ou tal prática científica, em certa época, que resultam em certos tipos de saberes científicos.

Como a questão para Foucault não é cognitiva, isto é, não interessa a ele a verdade ou a falsidade das proposições científicas, nem a investigação da consistência, coerência ou validade de uma teoria científica, tampouco as fontes ou fundamentos para todo e qualquer conhecimento, a questão é a da produção histórica, concreta do saber. (ARAUJO, 2007, p.92)

Desta forma, a arqueologia de Foucault irá reconstruir o que se dá como verdade de constatação ou de demonstração, a partir do patamar dos rituais, das qualificações do indivíduo de conhecimento, sobre o patamar da verdade acontecimento. Há, então, uma observação da história das condições de possibilidade e uso de verdade, de saber, uma vez que diferentes épocas produziram diferentes saberes e, conseqüentemente, diferentes verdades. O chamado verdadeiro de uma época.

Com isso, torna-se imprescindível analisar as / formações discursivas, já que elas possibilitariam localizar os objetos de saber que surgem em seu “frescor de acontecimento” (FOUCAULT, 1969/2008).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1969/2008, p. 43)

Para Foucault uma formação discursiva se define se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento, se puder mostrar que ele pode dar origem a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar.

Assim, todo o discurso está vinculado a regras de formação, ou seja, dentro de qualquer discurso há regras históricas, que são condições para que dadas formações existam ou desapareçam.

Deste modo, baseando-se na definição de formação discursiva, Gregolin (2004) define o que seria discurso para Foucault:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (GREGOLIN, 2004, p.35)

Visto, então, como um conjunto de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existência, tendo um suporte histórico, institucional, uma materialidade que proíbe ou permite sua realização, estabelecendo relações com os sujeitos, com a História, o discurso se submeteria à “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1970/2009), pressupondo, necessariamente, a idéia de “prática”.

De acordo com Foucault (1969/2008), as práticas discursivas seriam um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma determinada época e para uma certa área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa².

Gregolin (2000) comenta que essas práticas ocorrem em lugares sociais organizados e reconhecidos como portadores de fala: o campo literário, o campo científico, o campo político, etc.

As regras do *modo de dizer* condicionam todos os atos de fala sociais. Assim, toda produção de sentidos deve dar-se no interior desses campos institucionalmente constituídos como ‘lugares de onde se fala’. Falar no interior desses campos significa inserir-se em uma formação discursiva que determina os *modos de dizer* e aquilo que *se pode e se deve dizer* em certa época. (GREGOLIN, 2000, p.23)

Ressalta-se, desta forma,

² De acordo com Navarro (2006, p.76), o princípio da função enunciativa possibilita ao analista circunscrever as modalidades enunciativas, dado o fato de o enunciado ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, bem como as regras sócio-históricas que definem as condições de emergência dos discursos.

“um jogo entre discursos que seguem regras próprias às práticas discursivas de uma época. [Assim], as práticas discursivas estão submetidas a um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas, neste sentido, elas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos, pois são definidas por instituições (técnicas, jurídicas, escolares, etc.) que, ao mesmo tempo, as impõem e as mantêm”. (GREGOLIN, 2004, p.36)

Assim, há toda uma forma de controle e delimitação do discurso e esses procedimentos podem ser internos (comentário, autor, disciplina) ou externos (controle dos discursos, ritual, sociedade de discurso, doutrinas, apropriação social).

O discurso, na medida em que é constituído de um saber, é regido por *coerções de múltiplas ordens* (FOUCAULT, 1971): coerções externas que excluem, na modalidade da loucura ou da vontade de verdade, os discursos que põem em funcionamento o poder e o desejo; coerções internas que constituem a maneira de ser dos discursos, os quais exercem seu próprio controle pelo comentário, pelo sistema de disciplinas, pelas regulações institucionais. É desse modo que, em última instância, a análise do discurso renunciará ao objeto arqueológico para dirigir-se a uma genealogia das formas de comportamento, não mais exclusivamente discursivas, mas principalmente *institucionais e pessoais*. (COLLINOT, 2004, p.64 *apud* SARGENTINI, 2004, p.90)

Observa-se, assim, que há uma ordem que impera sobre os discursos, dizendo como produzi-lo e quem pode produzi-lo. Essa ordem é verificada nas práticas discursivas do *blog* da Capricho, uma vez que ele vincula-se a uma instituição midiática que, ao longo do tempo, instituiu-se como promulgadora de verdades, e, além disso, ele é confeccionado por pessoas legitimadas que, pelo seu estatuto, constroem seu dizer obedecendo às regras que imperam sobre os gêneros discursivos.

3. O ARQUIVO E O SUJEITO DO DISCURSO

Como ressalta Sargentini (2004), o método arqueológico de Foucault focaliza as práticas discursivas que constituem o saber de uma época, a partir de enunciados efetivamente ditos e o funcionamento dos discursos. Assim, o enunciado é apreendido como discurso e acontecimento, produzindo sentido a partir das relações que estabelece com outros enunciados e momentos enunciativos.

Nesta perspectiva, o discurso é produzido no interior de coerções, articulando-se, pois, com a noção de poder e de saber relacionadas às práticas discursivas. Desta forma, a noção de arquivo passa a ser fundamental para se pensar as práticas discursivas de uma sociedade.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; (...) é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade; (...) é o que define o modo de atualidade do enunciado-coisa; é o sistema de seu funcionamento; (...) é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria; (...) [define] uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação; (...) entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecer as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. (FOUCAULT, 1969/2008, p.147-148).

O arquivo passa, então, a reunir sentidos advindos de uma diversidade de textos tomados a partir de um trajeto temático, um tema, um acontecimento. Assim, “os enunciados e o arquivo tornam-se o suporte material dos estudos instalados nessa articulação entre o discurso e a história” (SARGENTINI, 2004, p.91).

Observa-se, então, que o discurso tem um suporte histórico, institucional, uma materialidade que permite ou proíbe sua realização. Além disso, o discurso não é fruto de um sujeito que pensa e sabe o que quer. Como comenta Navarro-Barbosa (2004, p.113) “é o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas. Logo, o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo”.

Além disso, “a partir da Nova História, das séries, dos diferentes modos de produção e de leitura, [pressupõe-se] um papel ativo para o sujeito” (SARGENTINI, 2004, p.91), que estabelece suas relações por meio de domínios (do saber, do poder e da ética). Serão esses domínios que permitirão avaliar como o sujeito se constitui enquanto sujeito de seu saber, enquanto sujeito que exerce ou sofre relação de poder e enquanto sujeito de sua própria ação.

Desta perspectiva é preciso compreender o sujeito em um sentido político, e não como ausente ou finito, pois se considera que os enunciados são marcados como espaço de efeito de poder. O sujeito tem acesso a si a partir de saberes que são sustentados por técnicas: o homem produz por meio de técnicas de produção, comunica-se por meio de técnicas do sistema simbólico, conduz o governo de si e dos outros por meio de técnicas de relações de poder e estabelece técnicas para olhar para si mesmo. [Assim], as reflexões de Foucault

sobre o sujeito são pertinentes para os estudos do discurso e da articulação língua e história. (SARGENTINI, 2004, p.93-94)

É preciso ressaltar que, para Foucault, o sujeito não pode ser reduzido aos elementos gramaticais, pois ele é historicamente determinado.

O sujeito do discurso não é a pessoa que realiza um ato de fala, nem o autor do texto, nem o sujeito da proposição. O sujeito é aquele que pode usar (quase que com exclusividade), determinado enunciado por seu treinamento, em função da ocupação de um lugar institucional, de sua competência técnica. (ARAUJO, 2007, p.92).

Isso é claramente observado nas práticas discursivas do *blog* da Capricho, uma vez que ele vincula-se a uma instituição legitimada (a revista Capricho) que, por sua vez, possui sujeitos (jornalistas-blogueiros) formados para dizerem o que dizem. Desta forma, constrói-se “uma imagem de confiança que é estrategicamente ancorada em índices de objetividade (...). Tal imagem contribui para transformá-[lo] em um discurso autorizado” (NAVARRO, 2006, p. 84).

Observa-se assim que, nos discursos do *blog* midiático da Capricho o poder se exerce na medida em que produzem saberes e conduzem condutas. De tal modo, o jornalista-blogueiro, pela sua legitimidade (está vinculado a uma instituição e, também, foi formado para tal), “tem o estatuto de dizer o que funciona como verdadeiro de uma época”. (ibidem, p.84)

4. O SABER-PODER E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO GÊNERO BLOG

Como comenta Silva (2004, p.159) “buscar Foucault nos obriga a pensar na sua visão sobre o poder e, como desdobramento, na relação saber-poder para, no âmbito dessa relação, enxergarmos as ações sobre/do sujeito”, uma vez que o poder é quem determinará os enunciados como verdadeiros ou falsos e, também, será o responsável por, através de suas práticas, produzir subjetividades.

Desta forma, o sujeito é uma produção do poder, ou seja, “o poder na concepção foucaultiana, é formador de uma verdade sobre o sujeito. Assim, o indivíduo é uma fabricação do poder e o elemento que torna possível um conhecimento sobre ele” (ibidem, p.172).¹

Nesta perspectiva, Gregolin (2007, p.46) lembra que “Foucault procurou produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura, segundo a análise das relações entre a produção dos saberes e o controle dos poderes”.

Deste modo, Foucault buscou compreender as estratégias de subjetivação do poder, tendo-o como produtor de uma verdade sobre o sujeito e também ordenador de um “perfil ideal” desse sujeito.

Para ele, os processos de subjetivação se dão “por meio de técnicas de si, tais como: a confissão, a culpabilização, o exemplo de vida e a auto-avaliação” (NAVARRO, 2008b, p.90) e podem ser definidos como

Procedimentos, (...) pressupostos ou transcritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 1997, p. 109 *apud* NAVARRO, 2008, p.05).

No *blog* da Capricho é possível verificar essas técnicas de si, já que o gênero é composto por enunciados confessionais, bem como por enunciados que expressam um exemplo de vida ou mesmo uma auto-avaliação. Sendo definido por Recuero (2003) como um gênero textual específico, que privilegia, ao mesmo tempo, a auto-reflexão e a reflexão coletiva, o *blog* Papo de Amiga é encontrado na página eletrônica da revista³ Capricho, no item *blogs*. Seu nome deriva do próprio propósito do *blog*: fazer com que as adolescentes escrevam para dividir, pedir conselhos, desabafar, pois, de acordo com aquele *blog*, ali haverá sempre alguém pronta para ouvir e ajudar. Desta forma, fica mais fácil entender o porquê de sua estrutura: inicialmente há um *post* com um “problema” enviado por uma leitora da revista, seguido de um comentário, um conselho da revista sobre este “problema”, abrindo, posteriormente, espaço para os comentários das outras leitoras. Vê-se, então, que o *blog* visa e permite uma participação de suas leitoras, a partir de seus comentários, criando um clima de troca de experiências na medida em que essas usuárias ao lerem o “problema” ali publicado, se posicionam diante dele, seja dando conselhos, seja só comentando superficialmente, seja, ainda, desabafando sobre seus próprios conflitos.

Desta forma, por meio da relação dessas leitoras com outras, elas acabam por “[viverem] a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que [as] atravessam e constituem sua percepção da ‘realidade’” (MILANEZ, 2004, p.185).

Assim, através da confissão inicial (problema enviado por uma leitora, com temáticas sobre a família, os erros, os desejos delas) a revista, consegue, por meio do seu *blog*, não só

³ www.capricho.com.br/blogs/papodeamiga

conduzir condutas (através do saber-poder) como também captar a intimidade dessas leitoras e, com isso, “produzir nelas a possibilidade de se reconhecerem naquelas verdades ou mesmo de se auto-avaliarem ou auto-decifram com relação àquele tema” (FISCHER, 2002, p.45).

Como comenta Costa (*apud* FISCHER, 2002) enunciados que confessam a intimidade sentimental permitem a exposição de algo até então dissimulado, acendendo a um tipo de verdade escondida.

[Ao confessar a intimidade sentimental] nos tornamos totalmente transparentes à nossa consciência e à consciência do outro, e, ainda, o de que a minha verdade é mais importante do que a verdade da sensibilidade do outro à dor e à humilhação – reforçam um tipo de mito racionalista e um tipo de individualismo. (COSTA, *apud* FISCHER, *ibidem*).

Desta forma, por meio do debate público, apoiado nas experiências, nas emoções, na narrativa do eu; possuindo um sujeito legitimado para comentar aquelas publicações e, estando vinculado a uma instituição que conseguiu se configurar como uma prática discursiva produtora de verdade para esse público; o *blog* da Capricho acaba não só por produzir informações como também influenciar na construção da identidade dessas adolescentes, produzindo e reforçando certas maneiras de ser e estar no mundo hoje.

Observa-se, assim, “na própria materialidade discursiva (...) práticas e saberes atrelados a sofisticadas relações de poder, os quais participam efetivamente da produção de sujeitos, da constituição de identidades” (FISCHER, 2002, p. 51).

A identidade é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Ela não é simplesmente definida, ela é imposta (p.81). (...) A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído (...) e está estreitamente associada a sistemas de representação (p.89) (SILVA, 2000).

Será esses sistemas de representação que, de acordo com Silva, darão sentido a identidade. “É por meio da representação que a identidade passa a existir. (...) É por meio da representação que a identidade se liga a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, *ibidem*, p.91).

Assim, como a “adolescência é a fase da chamada crise de identidade” (ERIKSON, 1982, *apud* OLIVEIRA, 2004, p.203); o adolescente

parte em busca de processos de identificação, para encontrar outros ‘iguais’ e formar seu grupo. Nessa busca, a necessidade de dividir angústias e padronizar

suas atitudes e idéias faz do grupo um lugar privilegiado, pois nele há uma uniformidade de comportamentos, pensamentos e hábitos, que definimos como o espírito gregário da adolescência (ibidem, p.203).

Nesse ínterim, o *blog* torna-se importante recurso para essa busca de construção de identidade e, conseqüentemente, funcionam como uma “técnica de si” para essas adolescentes blogueiras.

Por meio da escrita sobre si mesmos, esses adolescentes procuram encontrar seus pares e compreender o que são. Neste sentido, seus relatos e a leitura dos comentários e *post(s)* de outros podem iniciar a elaboração de um saber sobre a sua intimidade, sobre outras pessoas e sobre suas realidades. A construção desse “conhece-te a ti mesmo” constitui-se em “jogos de verdade”, que são colocados como técnicas específicas que o homem utiliza para se compreender melhor. Os discursos produzidos, marcados na subjetividade, trazem à tona conteúdos que, nem sempre, são objeto do diálogo entre os jovens, portanto, iniciam ou sugerem descobertas de si ou da alteridade, constituindo aquilo que Foucault entende como funções das “técnicas de si”. (OLIVEIRA, 2004, p. 203).

Essas “técnicas de si”, teorizadas por Foucault, permitem aos indivíduos efetuarem , sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas. O *blog*, nesse sentido, seria a ferramenta utilizada por muitos adolescentes na busca de elementos de identificação através de conteúdos, valores e discursos que perpassam pelo mundo digital da Internet.

O *blog* serve como lugar em que o sujeito, pela escrita de si, procura inserir-se [na] representação da pós-modernidade. A Internet e seus recursos proporcionam a sensação de aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo e, ao mesmo tempo, dão unidade e dispersão (...) [há uma busca] de integração, de interação, de descoberta de si e do outro, e assim se constroem identidades múltiplas, diversas e virtualizadas. (ibidem, p.209)

Assim, observando as idéias de Foucault sobre a escrita de si, a autora comenta que o *blog* pode ser considerado um procedimento da narrativa de si na cotidianidade da vida, com uma cuidadosa atenção àquilo que se passa no corpo e na alma.

Toda essa escrita de si revela não só o conflito do “eu” consigo mesmo, mas dele em relação ao mundo, à sociedade. A busca de sua identidade, ou de suas identidades, está sendo construída na relação de um “eu” com uma multiplicidade de “outros”. (ibidem, p.212)

Desta forma, por meio do *blog*, as adolescentes usam as técnicas de si não só para narrar sobre si como também entender-se por meio dos comentários opinativos feitos tanto pela revista quanto pelas outras leitoras. Assim, o *blog* torna-se uma importante ferramenta de construção de identidade, na medida em que, por meio dessa escrita sobre si e da leitura das sugestões tanto da revista quanto das outras leitoras, as adolescentes encontram-se e conhecem-se, compreendendo o que é ser adolescente hoje em dia e agindo tal qual é esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos teóricos de Michel Foucault pôde-se observar que a construção de qualquer dizer é regida por certos procedimentos que ditam como escrever e quem pode escrever. O *blog* da Capricho não foge à essas regras, uma vez que busca construir seu dizer obedecendo às várias regras dos gêneros e vincula-se a uma instituição legitimada (a revista Capricho) que, por sua vez, possui pessoas formadas para dizerem o que dizem. Desta forma, produz-se um discurso autorizado que acaba por conduzir condutas na medida em que, pelas técnicas de si, acabam ditando como é ser adolescente hoje em dia e, ainda, como agir frente àqueles problemas *postados*.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: BARONAS, R.L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 89-101.

FISCHER, Rosa Maira Bueno. Uma análise Foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. **Currículo sem Fronteiras**, v.2, n.1, pg.41-54, 2002.

FOUCAULT, Michel. (1969) **A Arqueologia do Saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7.edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. (1970) **A ordem do discurso**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18.edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: _____ (Org.). **Filigranas do discurso**: as vozes da história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000, p. 19-34.

_____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, C; SANTOS, J.B.C. (Org.). **Análise do discurso**: unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004, p. 19-42

_____. Discurso, História e a Produção de Identidades na Mídia. In: FONSECA-SILVA, M. C.; POSSENTI, S. *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p.39-60.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 183-2000.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p.97-130.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: _____. *Estudos do texto e do discurso*: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.

_____. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I (Org.). *Estudos do texto e do discurso*: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: NAVARRO, P. (Org.). *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008b, p. 89-100.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. *Weblogs*: a exposição de subjetividades adolescentes. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, p.201-214.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p.77-96.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem*: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p.159-179.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____(Org.). *Identidade e Diferença*: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.73-102.